

## **O MODERNISMO E EXPERIMENTALISMO DA LINGUAGEM DE MÁRIO DE ANDRADE EM AMAR, VERBO INTRANSITIVO**

### **THE MODERNISM AND LANGUAGE EXPERIMENTALISM BY MÁRIO DE ANDRADE IN AMAR, INTRANSITIVE VERB**

Silvana Mazzuquello Teixeira<sup>1</sup>  
silvanamazzuquello6@gmail.com

Eloisa da Rosa Oliveira<sup>2</sup>  
elo@unesc.net

#### **RESUMO**

O presente trabalho visou reafirmar o experimentalismo da linguagem de Mário de Andrade, na obra *Amar, verbo intransitivo*, publicada em 1927, no período do Modernismo brasileiro. Além disso, buscou-se também aprofundar o estudo sobre o Modernismo como contexto histórico marcante para a Literatura. Fundamentado em estudos já realizados, como artigos e livros, fez-se uma revisão bibliográfica e uma leitura analítica do livro escolhido, a fim de mostrar as ocorrências de certos fenômenos linguísticos que fazem do livro, modernista e experimental. As situações de experimentalismo da linguagem encontradas na obra literária foram divididas em quadros sistematizados com registros de citações retiradas da narrativa, de modo a confirmar e analisar as experimentações da língua, na escrita de *Amar, verbo intransitivo*, vinculadas ao movimento no qual Mário de Andrade estava inserido. O estudo foi realizado a partir de um aporte teórico baseado nas ideias de: Coutinho (1997), Gonçalves (2012), Cândido (1999), Cerqueira (2010), Lopez (1984;2013), Rodrigues (1997), Botelho (2012), Marques (2014), Bolzan (2011), Dias (2011), entre outros. Ao fim do estudo, ficou mais claro perceber a intencionalidade do escritor em relação ao seu estilo de escrita e como isso estava ligado ao movimento que ocorria na época.

**PALAVRAS-CHAVE:** Modernismo; Linguagem; Literatura.

#### **ABSTRACT**

This work aims to affirm the language experimentalism of Mário de Andrade, in the book *Amar, verbo intransitivo*, published in 1927, during the period of Brazilian Modernism. Furthermore, it was objective research to study about the Brazilian Modernism as an important part of Literature History in Brazil. Based on studies already done, such as articles and books, a bibliographic review and an analytical reading of the book chosen was made in order to show how certain linguistic phenomena in this writing style turn the book a modernist and experimental literature. The situations of language experimentalism found in the literary work were divided into tables organized with records of citations taken from the narrative, in order to confirm the linguistic experimentation, in the *Amar, verbo intransitivo*, linked to the literary movement to which the author Mário de Andrade was inserted. The study was conducted from a theoretical basis: Coutinho (1997), Gonçalves (2012), Cândido (1999), Cerqueira (2010), Lopez (1984;2013), Rodrigues (1997), Botelho (2012), Marques (2014), Bolzan (2011), Dias (2011), among others. At the end of study it was possible to confirm the author intention in relation to his style as writer and how this it was in contact with the historical context.

<sup>1</sup> Graduada em Letras: Português pela Universidade do Extremo Sul Catarinens (UNESC).

<sup>2</sup> Mestra e Doutoranda em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora do Curso de Letras na Universidade do Extremo Sul Catarinense.

**KEYWORDS:** Modernism; Language; Literature.

## 1 INTRODUÇÃO

A obra *Amar, verbo intransitivo* de Mário de Andrade foi escrita no período moderno brasileiro, no ano de 1927. O enredo é formado por uma família e uma professora de alemão, que ensina mais que a Língua Alemã. Em seu corpo de texto há equívocos de linguagem e língua que na época de publicação foram muito criticados, além de uma estética literária diferenciada, com temática reflexiva.

O Modernismo, principal movimento ao qual o trabalho de Mário de Andrade se associa, parece estar muito presente em *Amar, verbo intransitivo*, fazendo do livro, original e inovador, além de provocativo, tanto à sociedade da época, quanto à Gramática Normativa do Português Brasileiro. Mário de Andrade como autor modernista buscou trazer em sua criação características natas da sua nação, utilizando aspectos linguísticos para bem suceder sua intenção, que era apresentar em sua obra um Brasil autêntico, assim adicionando à produção um experimentalismo de linguagem, muito estudado por Rosália de Almeida Dias (2011) e Telê P. Ancona Lopez (1984;2013).

Diante disso, os principais questionamentos que buscou-se responder ao longo do artigo foram: como se estruturou a primeira fase do Modernismo Brasileiro e como foi a inserção e participação do autor Mário de Andrade neste movimento? Quais as provocações estabelecidas por Mário de Andrade no livro *Amar, verbo intransitivo* e qual a relação entre sua escrita experimental e original com o movimento artístico Modernismo?

Por meio de revisão bibliográfica dos estudos citados, este trabalho buscou afirmar a presença do Experimentalismo de linguagem dentro da obra *Amar, verbo intransitivo*. Além disso, outra intenção do estudo foi compreender também como se deu o movimento do Modernismo no Brasil e como esteve relacionado a essa iniciativa do autor. Foi realizado, assim, um estudo analítico de algumas situações de experimento da linguagem registradas no livro de Mário de Andrade, bem como aprofundou-se no que diz respeito ao contexto histórico do Modernismo brasileiro.

Para organização do estudo, foram criados dois capítulos: o primeiro capítulo corresponde aos questionamentos acerca da trajetória de Mário de Andrade como autor de Literatura Brasileira Moderna, abordando o contexto histórico em que o Modernismo está

inserido na história do Brasil. O segundo capítulo é analítico, no qual é apresentado o significado de experimentalismo, com base em estudiosos brasileiros e, também, a parte de análise da obra com situações de experiência com o uso da Língua Portuguesa encontradas no livro.

Quanto à metodologia do estudo, adotou-se o método bibliográfico, qualitativo, além de quantitativo, visto que os fenômenos (desvios da norma gramatical e experimentalismos outros) que apareceram na edição especial da obra de 2013, usada para análise da editora Nova Fronteira, foram catalogados e trazidos no texto sistematizados em quadros de análise. Todos os dados coletados durante a averiguação foram organizados de acordo como a experiência de uso da língua e, num segundo momento, catalogou-se a situação e aplicação no livro. Os quadros completos podem ser consultados no apêndice deste trabalho, enquanto na análise inserida no texto, foi apresentado um recorte menor de exemplos dos fenômenos, a fim de ilustrar cada experiência encontrada na obra.

## **2 MOVIMENTO MODERNISTA: RUPTURA ARTÍSTICA**

O objetivo deste capítulo é aprofundar a pesquisa sobre o período do Modernismo no Brasil, com ênfase na sua primeira fase e seu evento principal, a Semana de Arte Moderna. Com isso, espera-se responder aos questionamentos norteadores: como se estruturou a primeira fase do Modernismo brasileiro e como foi a inserção e a participação do autor Mário de Andrade neste movimento?

A primeira fase do movimento modernista, que cobre início da década de 1920 até meados da década de 1930, chamada fase heroica, foi muito importante para o Brasil e não diferente são as obras literárias que chamaram atenção neste tempo. As ideias expostas nesse período, pelo grupo de escritores e artistas, que estiveram envolvidos na *Semana de Arte Moderna*, em 1922, refletiam sobre as estruturas artísticas protagonistas da época, criticando-as e questionando-as de modo bem provocativo. Os artistas que apresentaram suas obras mostravam um pensamento moderno, de que o certo seria explicar as entranhas brasileiras, ou seja, um estilo mais original. Para eles, o Brasil reproduzia a Europa e era chegada a hora de mostrar os brasileirismos, nas cores, falares e escritos.

O movimento modernista no Brasil se fez inovador, sobretudo no período em torno da Semana de Arte Moderna de 1922, inclusive no aspecto literário, em que as obras tiveram

um viés divergente das obras brasileiras anteriores, com a proposta de se ter escritos originais com foco na cultura brasileira, assim rompendo com tradicionalismos e dando mais liberdade às obras, trazendo a identidade nacional, a linguagem popular e as transgressões em relação às formas utilizadas até então. Tudo isso com a intenção de desvincularem-se do estilo europeu. As motivações também eram voltadas ao meio político, já que nesse período brasileiro havia uma insatisfação política por conta de inflação e crise, estimulando a mudança do país numa tentativa de reestruturação, também usando o campo da arte para expressão dessas ideias.

Deveras, o período modernista representou uma afronta à sociedade elitizada da época e a quem não havia senso de mudança, pois estes eram muito conservadores. Sendo assim, o Modernismo foi uma provocação ousada e ode à liberdade dos artistas, de modo que a negação às “regras” — das escolas e produções literárias, da escrita gramaticalmente normativa e metrificada, bem como a desvinculação das teorias tradicionais pelo meio acadêmico — seria o começo de uma manifestação da ampla liberdade do sujeito artista inserido no movimento, como afirma Gonçalves (2012), no livro *1922: a semana que não terminou*.

Segundo Cerqueira (2010), no estudo *As contribuições do modernismo para a literatura e a crítica brasileiras*, as obras da época anterior já não atendiam às novas expectativas. Logo, as rupturas dos padrões estéticos de arte, que foram propostas com o Modernismo, eram apenas o reflexo das transformações vividas pela sociedade, ou seja, a origem do movimento se deu pela própria realidade social, com produção cafeeira, rumo a industrialização e urbanização, que teve reverberação significativa no meio da arte.

De acordo com a autora Cerqueira (2010), em relação à Literatura Brasileira o Modernismo promoveu duas coisas: a) a criatividade dos envolvidos com o movimento de forma artística, que adotaram uma nova perspectiva de arte e conseqüentemente criações sem padrões estabelecidos; b) trabalho coletivo, visto que trabalhavam em grupos funcionais, deixando de lado o individualismo. Contribuições fundamentais que fizeram do Modernismo um movimento diferente no país.

Antônio Candido (1999), na obra *Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes*, também faz sua consideração sobre a realidade da época em relação a essa transição e à ruptura trazida pela Literatura moderna:

A busca da perfeição pela correção gramatical, a volta aos clássicos e o rebuscamento marcam uma posição de tipo aristocrático e constituem um traço saliente da fase que vai dos anos de 1880 até a altura de 1920, correspondendo a um desejo generalizado de elegância ligado à modernização urbana do país, sobretudo sua capital, Rio de

Janeiro. Do ponto de vista da literatura, foi uma barreira que petrificou a expressão, criando um hiato largo entre a língua falada e a língua escrita, além de favorecer o artificialismo que satisfaz as elites, porque marca distância em relação ao povo; e pode satisfazer a este, parecendo admiti-lo a um terreno reservado. Essa cultura acadêmica, geralmente sancionada pelos Poderes, teve a utilidade de estimular, por reação, o surto transformador do Modernismo, a partir de 1922. (CANDIDO, 1999, p. 61-62)

Como aponta Candido (1999), o marco do Modernismo foi, certamente, a Semana de 1922, em que muitos criticaram e não apoiaram esse novo estilo e manifesto de arte, dito moderno. A alta sociedade desaprovava esse movimento com temperamento caloroso e reativo.

De acordo com Alfredo Bosi (1999) em *História concisa da Literatura brasileira*, a Semana de 22 foi a consolidação de grupos artísticos e meio de publicação de escritos e manifestos, que vinham do desejo de explicar e justificar as obras lançadas. E por essa necessidade de consolidar a nova estética e assim transpassar os padrões literários do passado, fez-se surgir, ainda de acordo com Bosi (1999), um tom radical já na primeira fase do movimento, trazendo uma revolução estética para a cultura nacional no campo das Artes.

Consoante a Gonçalves (2012), para Mário de Andrade, o Modernismo era sinônimo de ruptura, como uma afronta à “inteligência nacional” e nenhuma outra cidade estava mais preparada que a Pauliceia, ou seja, São Paulo. Segundo Rodrigues (1997), na obra *O Brasil na década de 1920: os anos que mudaram tudo*, a sociedade brasileira já respirava ares de modernização, nos grandes centros urbanos, e São Paulo já proliferava o lema *SP é a capital do progresso*, por conta disso, não era difícil pensar nessa cidade para manifestar-se uma nova tendência artística.

Conforme escrito em Coutinho (1997), na obra *A literatura no Brasil: era modernista*, a semana foi patrocinada pela elite paulistana que não era composta por pessoas do meio artístico. Inclusive, o Correio Paulistano estava envolvido na cooperação financeira, com o aval de Washington Luís, que na época era como o governador, hoje, de São Paulo. Outra informação importante é que mesmo com real patrocínio, entre as famílias se reproduzia a fala de que o evento era condenável e indecente, de forma a não comentarem sobre ele na frente de crianças e, principalmente, na presença feminina.

Tanto que, conforme testemunhas da época, à Semana não se referiam na presença de crianças, especialmente das meninas. Os comentários nos lares eram cochichados e disfarçava-se a conversa, mudava-se de assunto, à chegada de pessoas do sexo feminino ou de menores. (COUTINHO, 1997, p.21)

A escola paulistana se mostrou intolerante aos artistas que se apresentavam nos palcos e ficava ainda mais enfurecida em saber que a grande maioria deles é que patrocinavam esse movimento novo, já que os artistas que compunham o evento eram seus filhos, os quais eram mandados à Europa para estudar, como relata Gonçalves (2012):

Quase todos pertenciam a famílias ricas ou influentes e se relacionavam com artistas, escritores e personalidades ‘passadistas’. Educaram-se à europeia, aprenderam línguas e frequentaram boas escolas. Liam revistas estrangeiras, e alguns conheceram a Europa e os Estados Unidos. Eram pessoas vinculadas aos extratos mais afortunados e cultos da grande cidade emergente do Brasil daquele momento. ‘Éramos os *playboys* intelectuais de 1922’, resumiria Guilherme de Almeida, em 62, ao *Suplemento Literário* de *O Estado de S. Paulo*. (GOLÇALVES, 2012, p. 31)

Por esta razão mencionada acima, muitos criticaram o movimento por tentar ser original, mas apresentava certa incoerência, já que os artistas vinham da Europa carregados com o repertório que traziam de lá para o Brasil. Enquanto o modernismo começava no Brasil, em parte da Europa já havia indícios desse movimento, conhecido como Vanguardas Europeias. Muitos achavam que os artistas eram futuristas pela “extravagância e desvario”, mas os artistas reagiram às vaias afirmando:

A nossa estética é de reação. Como tal, é guerreira. O termo futurista, com que erradamente a etiquetaram, aceitamo-lo porque era um cartel de desafio. Na geleira de mármore de Carrara do Parnasianismo dominante, em ponta agressiva dessa proa verbal estilhaçava como um ariete. Não somos, nem nunca fomos ‘futuristas’. [...] Demais, ao nosso individualismo estético, repugna a jaula de uma escola. Procuramos, cada um, atuar de acordo com nosso temperamento, dentro da mais arrojada sinceridade. (MENOTTI apud COUTINHO, 1997, p. 18)

Apesar de chamados futuristas, eram modernos, e com a realização da Semana de Arte Moderna deu-se início a uma nova fase artística no Brasil, com a apresentação de obras genuinamente brasileiras, com arte moderna, espaço ao novo e arte em forma de coragem.

Um dos artistas do meio moderno era Mário de Andrade, conhecido primeiramente por seu pseudônimo Mário Sobral. O autor sempre gostou muito de arte, música e leituras, porém, ingressou na vida universitária com a faculdade de contador, mas logo viu que aquela profissão não era para ele, e matriculou-se na faculdade de Filosofia e Letras.

De acordo com Botelho (2012), os escritos de Mário de Andrade tinham muito de si e muita intelectualidade, de modo a ser uma escrita inteligente, a qual simpatizava à linguagem coloquial do povo, *do bom negro e branco brasileiros*, expressão usada por Oswald de Andrade em seu poema “Pronominais”. O senso artístico de Mário começou ainda na

infância, com o gosto pela música e apreciação por seus instrumentos, como o piano. O trabalho principal de Mário foi buscar em suas obras a exuberância do abasileiramento, fazendo do Brasil não só um lugar de sentimentos, mas também, da imaginação, como relata Botelho (2012), no texto *De olho em Mário de Andrade*.

A primeira obra de Mário foi publicada em 1917. *Há uma gota de sangue em cada poema* traz consigo sensibilidade e certo exagero, segundo Coutinho (1997), visto que utilizava muitos recursos expressivos, com certo teor parnasiano, mas já evidenciando sua personalidade de escrita livre, como no poema “Tempestade”, em que o autor rima “tempestuou” com “ou”, que seria o som do vento.

Em suas obras, Mário de Andrade se mostra infringindo os padrões gramaticais do sistema da Língua Portuguesa, escrevendo com marcas da oralidade, com desvios da norma gramatical, provocados propositalmente, com falta ou exagero de pontuações, criticando e atropelando as estruturas postas até então pela Gramática Normativa. Na escrita de Mário, então, há tudo que está no falar do povo, como pronomes e gerúndios em início de frase, bem como palavras escritas de forma “errada”, duplicação de verbo e palavras criadas, além de falares típicos brasileiros, redundância e pontuações em falta, quando não exageradas.

Em *Pauliceia Desvairada*, o autor Mário de Andrade vai nos apresentar um fascínio pela cidade paulistana, em meio às críticas sociais inseridas no livro. Em seu estudo *Modernização estética e sujeitos periféricos em pauliceia desvairada de Mário de Andrade*, Marques (2014) analisa o seguinte:

A voz poética de Pauliceia Desvairada mostrará constantemente certo encantamento com a metrópole que nascia e ao mesmo tempo, sua ironia e crítica lancinante serão voltadas contra as opressões sociais decorrentes do processo de modernização de São Paulo no início do século, que favorecerá a burguesia industrial e comercial em detrimento de uma porção de miseráveis oprimidos por diversas manobras de, entre outras coisas, especulação imobiliária e repressão policial. (MARQUES, 2014, p.17)

O livro de Mário, citado acima, em formato de manifesto, foi a sua primeira obra classificada como modernista, publicado em 1922, apresentando versos contraditórios e com linguagem eloquente, cheia de pontuações e ambiguidades, como relatado em *Mário de Andrade*, por João Luiz Lafeté (1982), sendo colocado como bandeira do movimento modernista e evidenciando o escritor, de modo a chamá-lo “Papa do movimento”. Conforme Coutinho (1997) escreve, Mário de Andrade é colocado como o líder do grupo modernista por

seus colegas, enfrentando sua timidez, e tendo de aceitar o posto de líder do movimento artístico de 1922.

Para Rodrigues (1997), depois de já terminada a Semana de Arte Moderna, o evento foi conspícuo em território nacional, sendo assim a chave para a fundação do Modernismo do Brasil, de maneira a ser único e transformador. Segundo Gonçalves (2012), a Semana de Arte Moderna foi criada para causar impacto na sociedade e meio artístico, além de gerar atrito e estranhamento, a fim de ser um marco na história nacional, como o início de uma transformação.

Mário de Andrade, após a Semana de Arte Moderna, enviou uma carta ao seu amigo Menotti, relatando a reação das pessoas naquele contexto, escrevendo o que está a seguir:

Caíram como araras. Gritaram. Insultaram-nos. Vaiaram-nos. MS o público já está acostumado com descomposturas: não leva a sério. O que fica é o nome e um sentimento de simpatia que não se apagam mais da memória do leitor. Estamos célebres! Enfim! Nossos livros serão lidíssimos! Insultadíssimos, celebérrimos. Teremos nossos nomes eternizados nos jornais e na História da Arte Brasileira. (ANDRADE apud GONÇALVES, 2012, p. 326)

Mário, nesse trecho, deixava claro a situação artística nacional naquele cenário. Era o início de uma nova perspectiva de arte a partir de um trabalho de exposição. As pessoas estavam em choque, reagiram com vaias, mas o barulho feito pelos artistas na Semana de Arte Moderna foi tão alto, que gerou um impacto nacional, de maneira que os expositores foram reconhecidos por conta de suas obras apresentadas no evento artístico da pauliceia. De fato, tornaram-se marcados e renomados na História da Arte Brasileira, de modo a serem estudados, lembrados e reproduzidos até os dias hoje.

*Macunaíma* foi publicado por Mário de Andrade após seis anos da Semana de Arte Moderna, com traços marcantes do Modernismo em cada linha do texto. A obra apresenta uma fusão nos campos linguísticos, estruturais e de semântica, driblando classificações comuns da Literatura, inovando a escrita literária brasileira, com distanciamento da norma padrão brasileira. Candido (2006) em *Literatura e Sociedade*, relata o seguinte sobre a ficção dita originalmente modernista:

Mário de Andrade, em *Macunaíma* (a obra central e mais característica do movimento), compendiou alegremente lendas de índios, ditados populares, obscenidades, estereótipos desenvolvidos na sátira popular, atitudes em face do europeu, mostrando como a cada valor aceito na tradição acadêmica e oficial correspondia, na tradição popular, um valor recalcado que precisava adquirir estado de literatura. (CANDIDO, 2006, p. 126-127)

Mário de Andrade denominou o livro como uma rapsódia, ou seja, uma mistura de contos populares de um território, tradicionalmente contados de forma oral. O personagem principal do romance é um anti-herói, que personifica a nação brasileira de maneira incharacterística, mostrando o verdadeiro “jeitinho brasileiro” de enfrentar as situações vividas, bem como os valores e imperfeições do povo, retratadas no personagem Macunaíma.

Antes da publicação oficial do livro *Macunaíma*, em 1927, Mário de Andrade escreveu *Amar, verbo intransitivo*, objeto de estudo deste trabalho. Na obra, é relatada a vida de uma mulher (Elza, conhecida por Fraulein), que a princípio daria aulas de Alemão ao filho mais velho (Carlos) de uma família católica, mas que na verdade foi contratada pelo pai, patriarca da família, para ensinar ao filho o que é uma relação entre homem e mulher e, com isso, aflorar sua sexualidade, sem riscos de doenças sexualmente transmissíveis, já que muitos jovens perdiam suas virgindades em prostíbulos e enfrentavam este problema.

Outro aspecto muito importante no livro é o jogo de palavras e de sentido no título da obra, que nos faz refletir sobre o amor e seus caminhos do amar. Em sua dissertação, *A representação dos afetos em Amar, verbo intransitivo, de Mário de Andrade*, Bolzan (2011) fala sobre uma interpretação oficial do sentido empregado no título da obra e descreve:

Ao classificar amar como verbo intransitivo, faz referência ao processo inicial de amor que se dá no ser humano: o narcisismo. O narcisismo é uma forma primitiva de amor, porque é caracterizado pela indistinção inicial entre sujeito e seu objeto de amor e de apoio. Em vista de o objeto do amor estar no próprio sujeito, ou seja, ser ele próprio, é que amar foi classificado como verbo que não necessita de complemento, isto é, intransitivo, porque o sujeito do verbo amar é um ser completo. (BOLZAN, 2011, p.157)

Mário de Andrade, escreveu *Amar, verbo intransitivo* com força e inovação modernista, rompendo com os padrões gramaticais da Língua Portuguesa, aderindo a desvios provocados intencionalmente, com equívocos de pontuação e escrevendo como uma conversação. Dentro da obra, e até mesmo no título, o autor brinca com as palavras, de modo a gerar reflexão sobre o verdadeiro sentido dado a elas no contexto literário do livro. Segundo Telê Porto Ancona Lopez (2013) no posfácio de *Amar, verbo intransitivo*, o narrador apresentado no livro era como um segundo eu de Mário e assim o apresenta em seu escrito:

O narrador de *Amar, verbo intransitivo* representa, quanto à linguagem, um *alter ego* de Mário de Andrade: pesquisador, dono de sólida cultura, escolhe ser solidário com a voz popular, diminuir as distâncias entre o popular e o erudito. (LOPEZ Apud ANDRADE, 2013, p. 157)

O período modernista, então, foi um tempo de transgressões, transformações e ruptura, em contexto nacional, inovando as artes brasileiras, a partir da Semana de Arte Moderna, em 1922. Mário de Andrade, escritor brasileiro, foi peça fundamental nesse cenário, com suas obras contendo toque experimental modernista, de modo a estar no carro-chefe do movimento, ao lado de outros grandes artistas da época e questionar as estruturas literárias, ao ponto de em seus escritos não seguir o apego à gramática normativa, mas sim, ao português brasileiro marcado pela oralidade.

### **3 EXPERIMENTALISMO DA LINGUAGEM DE MÁRIO DE ANDRADE: UM OLHAR PARA A OBRA AMAR, VERBO INTRANSITIVO**

Este capítulo tem o propósito de ter um olhar ao experimentalismo de linguagem de Mário de Andrade, de modo a explicar a análise feita durante esta pesquisa e aprofundar investigação sobre os aspectos que envolvem esse experimentalismo, dentro da obra estudada, como: linguagem e cultura popular de fala (fenômeno gerúndio e pronomes) – aproximação com a língua do povo, tendo-se em vista as variações linguísticas registradas e os traços de oralidade, além da duplicidade dos verbos e das criações de novas palavras (neologismo), bem como a originalidade empregada na obra. Diante disso, almeja-se responder quais as provocações estabelecidas por Mário de Andrade no livro *Amar, verbo intransitivo* e qual a relação entre sua escrita experimental e original com o movimento artístico Modernismo?

Experimentalismo da linguagem é o ato de experimentar os usos da língua e iniciar experiências e processos que revigoram a estética de um texto. Linha de pensamento esta que vai ao encontro do que Coutinho (1997) escreve e deixa claro no livro *A literatura no Brasil: era modernista*:

Experimentalismo: Este é o grupo de escritores que na década de 1920, iniciaram as experiências da renovação estética da ficção. A mesma tentativa ocorreu no domínio da poesia lírica, às vezes coincidindo o trabalho renovador na mesma figura, como em Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Era um espírito geral de experiências nos campos expressional e estrutural. Sobretudo havia uma constante pesquisa de novos caminhos, partindo-se da concordância quanto à natureza brasileira da matéria a ser tratada artisticamente. (COUTINHO, 1997, p.289)

De acordo com Coutinho (1997), um dos aspectos que configuram Mário de Andrade como escritor modernista seria a sua criticidade, a qual se mostra nas críticas de obras publicadas por outros autores. Em comunhão com esse espírito crítico, ele se autocritica e

recorre às experimentações de processos, como, por exemplo, em *Amar, verbo intransitivo*, que teve quatro redações diferentes, até ter o corpo de texto atual.

Ainda sobre o que Coutinho (1997) relata sobre Mário de Andrade, está a constatação de que o autor defendia veementemente a necessidade do alto conhecimento sobre a língua que é ferramenta de expressão do escritor, pois “só tem o direito de errar quem conhece o certo” (ANDRADE Apud. COUTINHO, 1997, p. 294). As questões de expressão verbal, bem como a amostragem da língua viva, em suas obras, faziam parte de sua identidade experimental, como afirma Coutinho (1997):

A preocupação técnica, a capacidade de persistir na pesquisa estética trazem à obra de Mário caráter experimental, a que o autor se refere insistentemente. Esse o sentido de sua permanente reação às formas estratificadas – pesquisa da expressão brasileira da língua, de conteúdo da realidade brasileira, numa consciência artística nacional. (COUTINHO, 1997, p. 290)

Mário experimentava o uso da língua, mas a respeitava e a conhecia. E como um experimentalista, era pesquisador, pois estudava a língua de modo a brincar com ela e mostrá-la a partir de seus variados modos de uso, dando espaço às variações linguísticas, que são as mudanças da língua, perceptíveis, geralmente, na fala. Variações essas tendo em vista muitos aspectos, como meio social, período histórico, de estilo, geográfico, etc. Desse modo, o autor, percebendo essas mudanças na fala dos brasileiros, se importou com a aproximação da fala do povo na escrita, colocando, em sua obra, traços de oralidade, potencializando o uso literário da linguagem oral e popular.

O autor Mário de Andrade trocava correspondências com outros escritores que eram seus amigos, falando sobre seus escritos e pensamentos à frente de seu tempo. Em uma de suas cartas a Manoel Bandeira, ele relatou como estruturaria a obra *Amar verbo intransitivo* e Moraes (2001) organizou suas cartas no livro *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Em um dos trechos, Mário escreveu o seguinte:

O livro é uma mistura incrível. Tem tudo lá dentro. Crítica, teoria, psicologia e até romance: sou eu. E eu pesquisador. Pronomes oblíquos começando a frase, ‘mandei ela’ e coisas assim, não na boca de personagens, mas na minha direta pena. Fugi do sistema Português. Que me importa se o livro seja falho? Meu destino não é ficar. Meu destino é lembrar que existem mais coisas que as vistas e ouvidas por todos. Se conseguir que se escreva brasileiro sem por isso parecer caipira, mas sistematizando erros diários de conversação e psicologia brasileira, já cumpri meu destino. (ANDRADE Apud. MORAES, 2001, p.137).

Como o próprio autor apresenta, trata-se de uma obra experimental, pois possui formato de escrita brasileira e chamativa, com traços de conversação de rua e brincadeira nas palavras que trariam sentidos novos e metafóricos às frases que compunham o livro, além de trazerem referências musicais e cenas cinematográficas e pelo assunto inédito retratado na obra. A pesquisadora Lopez (1984), em *Uma difícil conjugação* em posfácio da edição do livro de 1984, ao descrever a forma de Mário estruturar seu texto, relata:

[...] gíria como ‘chué’, ‘encaifou’, vulgarismos e regionalismos — para o autor ‘brasileirismos’ — em profusão (contando com os arcaísmos): ‘desinfeliz’, ‘assuntou’, ‘espaventa’, ‘piraçunungava’, ‘tapejara’, ‘gâmbias’, ‘ingranzéu’, ‘cunhãs’, ‘pussanga’, para lembrar poucos. Pleonasmos (‘maus piores’), pronome oblíquo iniciando período. E até o erro generalizado, como ‘trigres’.[...] acolhendo a intensidade verbal, a duplicação do verbo (‘brincabrincando’, ‘queimaqueimando’, ‘chorachorando’). (LOPEZ, 1984, p.24).

O experimentalismo de linguagem de Mário de Andrade, presente na obra *Amar, verbo intransitivo*, é muito estudado por Telê P. Ancona Lopez, que afirma que o livro é um romance experimental, pois há a criação de novas palavras, provações linguísticas e equívocos gramaticais que vão além da gramática. Em outro estudo, denominado *Amar, verbo intransitivo: Um romance experimental*, feito por Rosália de Almeida Dias (2011), a autora vai concluir que o romance é deveras experimental, além de expressionista e cinematográfico, descrevendo a obra desta forma:

*Amar, verbo intransitivo* é uma obra experimental, expressionista, cinematográfica, enfim, uma obra modernista. O emprego da fala brasileira por parte do narrador e das personagens (considerada errada pelos conservadores, pois fugia do português castiço), a movimentação intensa do foco narrativo e a denúncia firme da alienação, da hipocrisia e da mentalidade colonizada são partes integrantes do projeto estético e ideológico de Mário de Andrade de renovação da literatura brasileira. (DIAS, 2011, p. 12)

Então, os autores citados neste trabalho têm o mesmo pensamento em relação a Mário de Andrade e seu método de escrita pós semana de 1922. Pensamentos esses, que afirmam que sua autoria é experimental por conta dos aspectos da linguagem em experimentações, bem como, o cuidado com as expressões da Língua e a inovação no modo de escrever.

Em leitura minuciosa, feita neste trabalho, do livro *Amar, verbo intransitivo*, verificaram-se alguns aspectos do experimentalismo de linguagem de Mário, retratado até aqui por estudiosos brasileiros. Abaixo é apresentado um quadro com algumas das situações de

experiência de linguagem e brasileirismos de fala postas no livro, juntamente à quantidade de ocorrências.

**Quadro 1 - Situações de experiência com o uso da Língua Portuguesa encontradas no livro<sup>3</sup>**

Situações de experiência com o uso da Língua Portuguesa	Número de ocorrências
Pronome oblíquo em início de frase	17
Gerúndio em início de frase	11
Duplicação de verbos	4
Palavra com troca de classe gramatical	2
Síncope	2
Troca de gênero (palavras masculinas virando femininas)	9

Fonte: Autora, 2019.

Conforme apresentado antes, Mário de Andrade ia de encontro ao que a gramática normativa colocava como padrão e regra. A gramática normativa dita como o português deve ser usado, e são essas regras que estabelecem as normas de concordância e regência, tanto nominal, quanto verbal. Além de estabelecer as flexões de número, gênero e pessoa, bem como, o uso de acentuações e suas pronúncias nas palavras, entre outras situações da Língua Portuguesa.

O maior número de ocorrências descrito no quadro é voltado ao uso dos Pronomes Oblíquos colocados nos começos das frases. Segundo a gramática normativa, a forma correta de uso do pronome oblíquo é nas situações de ênclise, proibindo-os em início de frase. Todavia, o modo mais usual em território brasileiro acaba por ser próclise, assim como Mário apresenta em seu livro, como nos trechos a seguir, de *Amar, verbo intransitivo*:

<sup>3</sup> Neste quadro não constam os muitos usos de pontuação e a quantidade de vezes em que o autor usou no livro linguagem coloquial na construção do texto, porém adotou-se como critério elencar as principais situações de experiência que ocorrem mais de uma vez ao longo do romance.

**Quadro 2 - Experiências com o uso de pronome oblíquo em início de frase**

Situação	Aplicação no livro
Pronome oblíquo em início de frase	<b>Lhe</b> deu aquela vergonha de saber o que não sabia. (ANDRADE, 1945, P. 50)
	<b>Lhe</b> inchavam os olhos duas lágrimas de verdade. Não rolavam ainda e já lhe molhavam a fala. (ANDRADE, 1945, p. 54)
	<b>Lhe</b> parecia que a mãe, o pai, as irmãs, os criados, todo o universo conheciam as relações dele com Fraulein... O pobre! Falou um “não” empalamado, enquanto se gelava todo. (ANDRADE, 1945, p. 92)

Fonte: Autora, 2019.

Um outro fenômeno da língua aplicado por Mário é o uso do gerúndio para além do que indica a gramática normativa. Segundo ela, não é aconselhado a ser usado em início de frase por conta de ser um agente que retrata uma continuação, ou seja, uma ação continuada com verbo, adicionado do final *ndo*. Porém, esse fenômeno é muito usado no Brasil de modo variado, mesmo retomando uma ação de fato contínua, porém no início da frase. Vale ressaltar que os quadros completos podem ser consultados no apêndice deste trabalho, pois as experiências expostas aqui são um recorte menor de exemplos dos fenômenos, a fim de ilustrar cada experiência relatada da obra. Dessa forma, também há experiência apresentada na obra de Mário, como nos exemplos, dos trechos abaixo de *Amar, verbo intransitivo*:

**Quadro 3 - Experiências com o uso de gerúndio em início de frase**

Situação	Aplicação no livro
Gerúndio em início de frase	<b>Lembrando</b> mais uma coisa reteve a mão de adeus que o outro lhe estendia. (ANDRADE, 1945, p. 19)
	<b>Cismando</b> em quê? <i>Cismando</i> , sem mais nais. (ANDRADE, 1945, p. 40)
	<b>Descansando</b> um pouco mais pesadamente o ombro no peito dele, Fraulein se deixou amparar. (ANDRADE, 1945, p. 141)

Fonte: Autora, 2019.

Logo, pode-se analisar, de acordo com as ocorrências selecionadas no quadro acima, que embora o autor respeite o sentido de aplicação do gerúndio (ação contínua), não segue a lógica de não o aplicar no início de frase.

Uma outra experiência da linguagem no uso da Língua Portuguesa realizada por Mário, no livro estudado, foi a duplicação dos verbos que dá o sentido de intensidade verbal, para expressar a pujança da ação apresentada, intensificando seu sentido. Mário cria, assim, um tipo de Neologismo, que seria a criação de novas palavras, a partir de outras já existentes. Como nos três exemplos abaixo retirados do livro:

**Quadro 4 - Experiências com o uso de duplicação dos verbos**

Situação	Aplicação no livro
Duplicação dos verbos	Carlos abaixou o rosto, <b>brincabrincando</b> com a página: - Não sei... Papai quer que eu estude Direito... (ANDRADE, 1945, p. 27)
	Silêncio grosso de cheiros de cernes, folhas, flores, terra, carnes, <b>queimaqueimados</b> pelo sol. (ANDRADE, 1945, p. 119)
	Os raros transeuntes da aurora viam na janela um mocinho <b>chorachorando</b> , coitado! (ANDRADE, 1945, p. 129)

Fonte: Autora, 2019.

Como é possível perceber no *Quadro 4*, a intensidade das cenas se dá pelos verbos duplicados colocados no corpo de texto, fazendo com que o leitor se aproxime da situação descrita no livro.

Outro tipo de neologismo criado por Mário de Andrade, na obra *Amar, verbo intransitivo*, é a transformação das classes gramaticais das palavras, como no exemplo abaixo, que na sua essência não retratava ação, mas tornou-se verbo, nas mãos do autor:

**Quadro 5 - Experiências com o uso de palavra com troca de classe gramatical**

Situação	Aplicação no livro
Palavra com troca de classe gramatical	Não se <b>moçoloirara</b> nem um pouco. (ANDRADE, 1945, p. 82)

Fonte: Autora, 2019.

Neste dado exemplificado no *Quadro 5*, Mário faz referência ao Moço loiro, afirmando que seu personagem Carlos não tinha a mesma personalidade que a criação de Joaquim Manuel de Macedo e, para isso, utilizou-se da expressão transformada em verbo. Não se moçoloirara, que equivale a “não se parecia com o Moço Loiro”.

O fenômeno Síncope também apareceu no corpo do texto, mas esse equívoco foi proposital para a aproximação da fala popular à escrita. O exemplo a seguir, mostra a palavra “xícara” sendo escrita como “xicra”, colocando, no texto, traços da oralidade, já que, quando falada a palavra de modo mais rápido, acontecia a sua simplificação.

#### Quadro 6 - Experiências com o uso de Síncope

Situação	Aplicação no livro
Síncope	Deus lhe ouça, Fraulein! Eu espero a <b>xicra</b> aqui, não tenho coragem pra ver minha filha sofrer! (ANDRADE, 1945, p. 99)

Fonte: Autora, 2019.

A fala popular é divergente à fala da elite em alguns aspectos. Mário de Andrade traz esta crítica à tona em forma de posicionamento na escrita dentro do livro. No exemplo do *Quadro 6*, Andrade faz uso da síncope, não estigmatizando este fenômeno, visto que quem faz a fala com desaparecimento de fonema no interior do vocábulo é a matriarca da família. Seria diferente caso fosse alguma empregada da casa ou personagem que representasse público popular, em que, num caso real ou ficcional, poderia ser uma colocação estigmatizada.

Além das experiências já colocadas aqui, a troca de gênero na escrita de Andrade foi igualmente percebida. Assim, palavras masculinas foram colocadas na obra em gênero feminino, como por exemplo, sanduíches, que é substantivo masculino, mas foi retratado com artigo “a”:

#### Quadro 7 - Experiências com o uso de troca de gênero

Situação	Aplicação no livro
Troca de gênero	As malas estavam todas despachadas, e maletas, bolsas, sacos de viagem, os filhos, luvas, luvinhas, chapéus, Marina, Felisberto, Fraulein, a cesta com <b>as sanduíches</b> das crianças, tudo estava ali. (ANDRADE, 1945, p. 109)

Fonte: Autora, 2019.

Do mesmo modo, a palavra *meio*, classificado como advérbio de intensidade, que foi retratada como *meia*, novamente tendo a aproximação da fala popular na escrita, como as amostras abaixo:

#### Quadro 7 - Experiências com o uso de troca de gênero

Situação	Aplicação no livro
Troca de gênero	Dona Laura ficara <b>meia incomodada</b> porque diversas pessoas dos bancos da frente tinham se voltado com o grito da menina. (ANDRADE, 1945, p. 110)
	<b>Meia chorosa:</b> - Mamãe... tou com fome! - Minha filha! Meu Deus! É tão cedo!... (ANDRADE, 1945, p. 113)
	Exausta, <b>meia triste</b> , ela olhava sem reparar a carreira das campinas. (ANDRADE, 1945, p. 129)

Fonte: Autora, 2019.

Nos exemplos dos *Quadros 7* o equívoco linguístico está na boca do narrador, em vez de colocar na boca de um personagem. Logo, a aparição dessas experiências em fala de narrador e da elite mostra que Mário não tentou diminuir ou estigmatizar a fala dos personagens envolvidos na história, mas evidenciar o modo como os brasileiros podem usar a língua, seja qual for sua classe social.

Ademais, as pontuações empregadas ao longo de todo o texto também são características do estilo experimental do autor, de modo a expressar a intensidade das cenas por meio das pontuações. Os pontos, vírgulas e reticências eram regidos de acordo com as cenas nas quais estavam sendo usados, não seguindo as regras gramaticais, como comenta Coutinho (1997):

Quanto à pontuação, é organizada pelo ritmo. [...] Mário observa que só a usa para a clareza do discursivo, ou como descanso rítmico expressivo. E comenta também, nessa oportunidade, o abandono da pontuação quando as frases se amontoam, polifônicas, no simultaneísmo, uma das mais frequentes experimentações de reestruturação do discurso narrativo, para fazer frente à congelação dos significados socialmente autorizados. (COUTINHO, 1997, p. 299)

Então, ao longo do texto, percebe-se os muitos usos de reticências e pontos de exclamação, para expressar os sentimentos de cada cena escrita e descrita no livro, demonstrando ritmo de pensamento ou ações dos personagens, conforme a frequência de pontuações, bem como mostrando a expressividade do entusiasmo e da intensidade dos personagens com o auxílio dessa ferramenta da linguagem escrita, que busca o registro da linguagem da falada. Como em cada frase há um uso diferente dessa experiência de intensidade com as pontuações, preferiu-se não registrar em quadro, mas explicar o uso da ferramenta.

No Brasil, há uma ampla pluralidade linguística, contendo assim, variações na língua, por conta da extensão territorial do país e sua multiculturalidade. Mário de Andrade,

então, se apropriou dessas variações e desenvolveu seu texto literário com brasileirismos, regionalismos e falares populares, que, para o autor, são aparatos ricos da Língua Portuguesa do Brasil. No posfácio escrito por Mário do livro analisado, o autor declara sua real intenção para com a língua ao escrever a obra:

A língua que usei. Veio escutar melodia nova. Ser melodia nova não quer dizer feia. Carece primeiro a gente se acostumar. Procurei me afeiçoar ao meu falar e agora que já estou a lê-lo escrito gosto muito e nada me fere o ouvido já esquecido da toada lusitana. Não quis criar língua nenhuma. Apenas pretendi usar os materiais que a minha terra me dava [...]. (ANDRADE, 2013, p.143)

Em quase todos os parágrafos do livro, Mário de Andrade usa uma linguagem mais coloquial, que se aproxima da fala cotidiana do povo brasileiro, mas em alguns momentos, nota-se uma certa mistura a uma linguagem mais culta, destacando a variedade linguística brasileira. Como destaca Lopez (2013), ao comentar os aspectos da linguagem e a característica do autor de juntar o popular ao erudito, dentro de *Amar, verbo intransitivo*:

Os chavões, o vocabulário do cotidiano da cidade ou rural, ligados a termos do discurso culto, até sofisticado (com e sem paródia), decalcam, muito vivamente, tanto a pesquisa linguística, como uma alta consciência estilística. Nada é gratuito, ornamental; tudo serve aos propósitos literários do texto. (LOPEZ Apud ANDRADE, 2013, p. 157)

Como artista moderno, Mário de Andrade apresenta uma escrita experimental em seus livros, a partir de *Amar, verbo intransitivo*. A principal proposta, como o movimento já salientava, era mostrar a essência do Brasil nas obras criadas a datar desse período. Então, buscando realizar esse princípio, nada mais original que apresentar um Brasil autêntico por meio da língua falada no país e expor as suas variações, bem como, modos de falar e escrever, oriundos das entranhas do Brasil, ditos brasileirismos.

Mário de Andrade não só buscava, com sua obra, a mudança e a renovação literária no Brasil como a mudança de mentalidade de sua população, fazendo literatura para se pensar e refletir, como afirma Dias (2011), que descreve a obra nas palavras a seguir.

Para Mário de Andrade, sua literatura deveria atingir função social e reflexiva e não meramente estética, para o deleite do público. Ele enfatizava o perfil do brasileiro e exaltava as virtudes e os defeitos existentes nos seus conterrâneos e na própria sociedade burguesa de sua época. *Amar, verbo intransitivo* era um texto que se concretizava visual e sonoramente, uma ruptura temática onde o idílio desafiava tabus e preconceitos. Tratava-se de uma narrativa nova, experimental, moderna, de aceitação da pátria tal como ela é. (DIAS, 2011, p. 13)

O experimentalismo da linguagem de Andrade, então, é a busca pela autenticidade brasileira, que com muitos fenômenos conhecidos na fala e representado na sua escrita, torna-se experimental, com toque original, já que é um dos primeiros romances no Brasil que assumem essa estética, sem estigmatizar o erro e desvio. Assim, a obra analisada é totalmente modernista pelos aspectos que a compõe, como traços de oralidade e brasilidade registrada no texto, além, é claro, da própria história narrada<sup>4</sup>, que é fruto de um contexto brasileiro da época, que ninguém ousava retratar: a realidade da iniciação sexual de tantos meninos, conduzida pelos pais, além também do contexto da chegada de milhares de imigrantes vindo de outros países em busca de refúgio ou oportunidade em convívio direta com a cultura brasileira.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do que foi mostrado até aqui, pode-se entender que Mário de Andrade, como autor modernista, preocupava-se em apresentar, em sua arte escrita, o Brasil e o brasileiro de maneira autêntica, visando as expressões do falar e articulando-as na construção do seu texto. Na época, ainda havia muita busca pelos escritores em trazer para o texto aspectos lusitanos, mas o Modernismo, como ruptura, veio para problematizar esse conceito e estética já estruturada, visto que seu maior viés foi mostrar uma vertente nacional mais original e abasileirada.

Como obra de Mário em caráter experimental, *Amar, verbo intransitivo* se mostra sutilmente ácida, criticando a sociedade da época e denunciando a forma como ocorria a iniciação sexual de garotos. Além disso, há a crítica literária, em busca de uma renovação estética dos textos, por meio do emprego da fala típica brasileira, cheia de variações linguísticas e com brasileirismos, bem como os questionamentos indiretos das possíveis variações da gramática normativa, visto que sua obra não segue a norma como lei inquestionável, fazendo assim, experimentos de linguagem dentro de sua composição.

Os registros de oralidade e o vocabulário cotidiano em sua escrita, as rupturas que o texto faz, o enredo, a estética, a semântica das palavras usadas e a expressividade empregada na obra são provas de que *Amar, verbo intransitivo* é literatura com experimentalismo de

---

<sup>4</sup> Não foi o objetivo adentrar na temática da obra, mas seria muito interessante analisá-la.

linguagem, tornando o livro inovador, tanto em aspectos de texto escrito, quanto em sua temática, de forma a se afirmar original e moderna, sendo resultado da busca do autor Mário de Andrade pela brasilidade. Para isso, Mário não poupou os materiais que sua terra lhe dava.

Ao fim da pesquisa, percebeu-se, como aprofundado no capítulo 2, que a primeira fase do Modernismo no Brasil foi inovadora e buscou trazer à tona um retrato genuíno brasileiro. As ações artísticas questionavam os padrões e a sociedade daquele tempo, de modo a refletir sobre a realidade brasileira e a forma como era retratada no meio das artes. Além de que, com o conhecimento deste período, foi possível observar a trajetória do escritor Mário de Andrade dentro do movimento, desde a sua discreta entrada até quando se tornou referência do grupo modernista da primeira fase.

Além disso, no capítulo 3, ficou mais claro que no livro *Amar, verbo intransitivo* Andrade usufruiu das experimentações linguísticas usuais da Língua Portuguesa do Brasil, trazendo para o texto meios de aproximação de fala, além de desvios da Gramática Normativa, a fim de questionar o uso dessa gramática e acolher as ricas variações linguísticas do país. Deste modo, consagrou-se a sua obra como experimental por conta dos fatores descritos ao longo do trabalho.

As respostas para os questionamentos principais da pesquisa são que o Modernismo tem grande importância na história do país por conta da busca pela autenticidade brasileira e que Mário de Andrade fez parte desse movimento, na dita “fase heroica”, a fase inicial. Além disso, pode-se afirmar que a escrita de Andrade no livro *Amar, verbo intransitivo* tem caráter experimental e original, justamente por conta das experimentações e provocações de linguagem encontradas na obra literária.

Como sugestões para trabalhos futuros, pode-se, com mais profundidade, realizar uma pesquisa analítica dos fenômenos oriundos de variação linguística histórica e geográfica contidos no livro *Amar, verbo intransitivo*, visto as muitas variações presentes na obra. Também, consoante a este estudo, fazer mesmo apanhado metodológico comparando com outras edições de *Amar, verbo intransitivo*, pois em breve olhada na edição do livro de 1984, foi possível perceber diferença e ocorrência de outros fenômenos que não são retratados na edição analisada. Além de um estudo sobre o contexto social vivido por Carlos na obra *Amar, verbo intransitivo* e pressão sexual vivida pelo personagem ou ainda estudo sobre o contexto social vivido na obra e como a pressão sexual podia afetar os jovens da época, já que a temática do livro é reflexiva.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário. **Amar, verbo intransitivo**. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

BOLZAN, Neides Marsane John. **A representação dos afetos em amar, verbo intransitivo, de mario de andrade**. 2012. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Linguística, Letras e Artes, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen, 2012. Cap. 3.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 36. ed. rev. e aum. São Paulo: Cultrix, 1999. 528 p.

BOTELHO, André. **De olho em Mário de Andrade: uma descoberta intelectual e sentimental do Brasil**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**. 3. ed. São Paulo: Humanitas: FFLCH - USP, 1999.

\_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CERQUEIRA, Larissa Agostini. **As contribuições do modernismo para a literatura brasileira e a crítica brasileira**. Em Tese, Belo Horizonte, Vol. 16, nº 2, 2010.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil: era modernista**. 4 ed. São Paulo: Global, 1997.

DIAS, Rosália de Almeida. **Amar, verbo intransitivo: um romance experimental**. E-revista - Unioeste, Juiz de Fora, Vol. 5, nº 3, 2011.

LAFETÁ, João Luiz. **Mário de Andrade**. 1 ed. São Paulo: Global, 1982.

LOPEZ, Telê P. Ancona. Uma difícil conjugação. In: ANDRADE, Mário de. **Amar, verbo intransitivo**. 11. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984. p. 9-44.

MARQUES, Raniere de Araujo. **Modernização estética e sujeitos periféricos em Paulicéia Desvairada de Mário de Andrade**. Dissertação, Universidade Federal da Paraíba, 2014.

MORAES, Marcos Antonio de (organização, introdução e notas). **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira**. São Paulo: Edusp/IEB, 2000 (2ª ed., 2001).

RODRIGUES, Marly. **O Brasil na década de 1920: os anos que mudaram tudo**. 1 ed. São Paulo: Ática, 1997.